

**Coletivo Nacional de Gênero  
do Movimento dos Pequenos Agricultores**

# **SAÚDE CAMPONESA POPULAR**

———— **Cartilha 4** ————

**MPA**  
**Movimento dos Pequenos Agricultores**

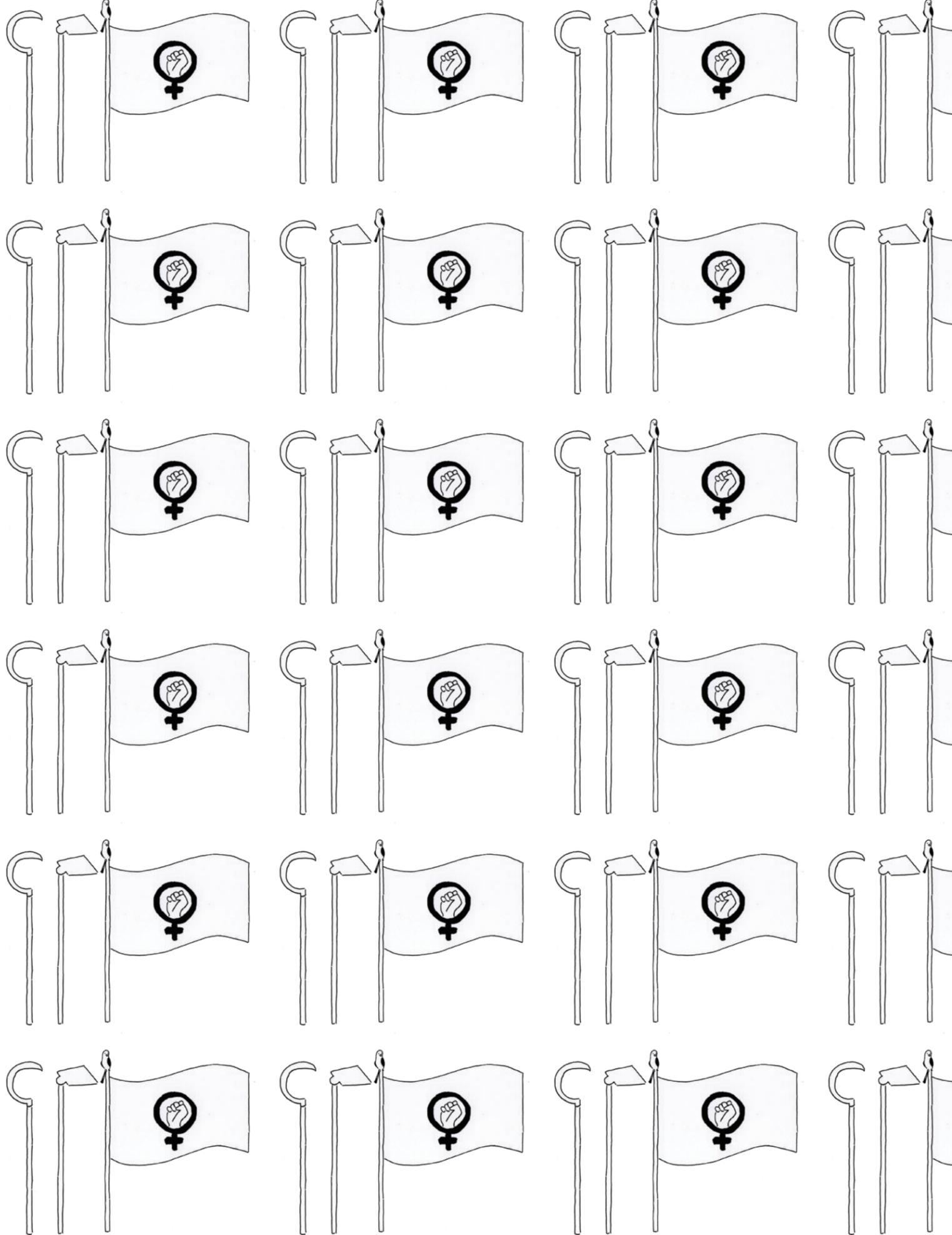


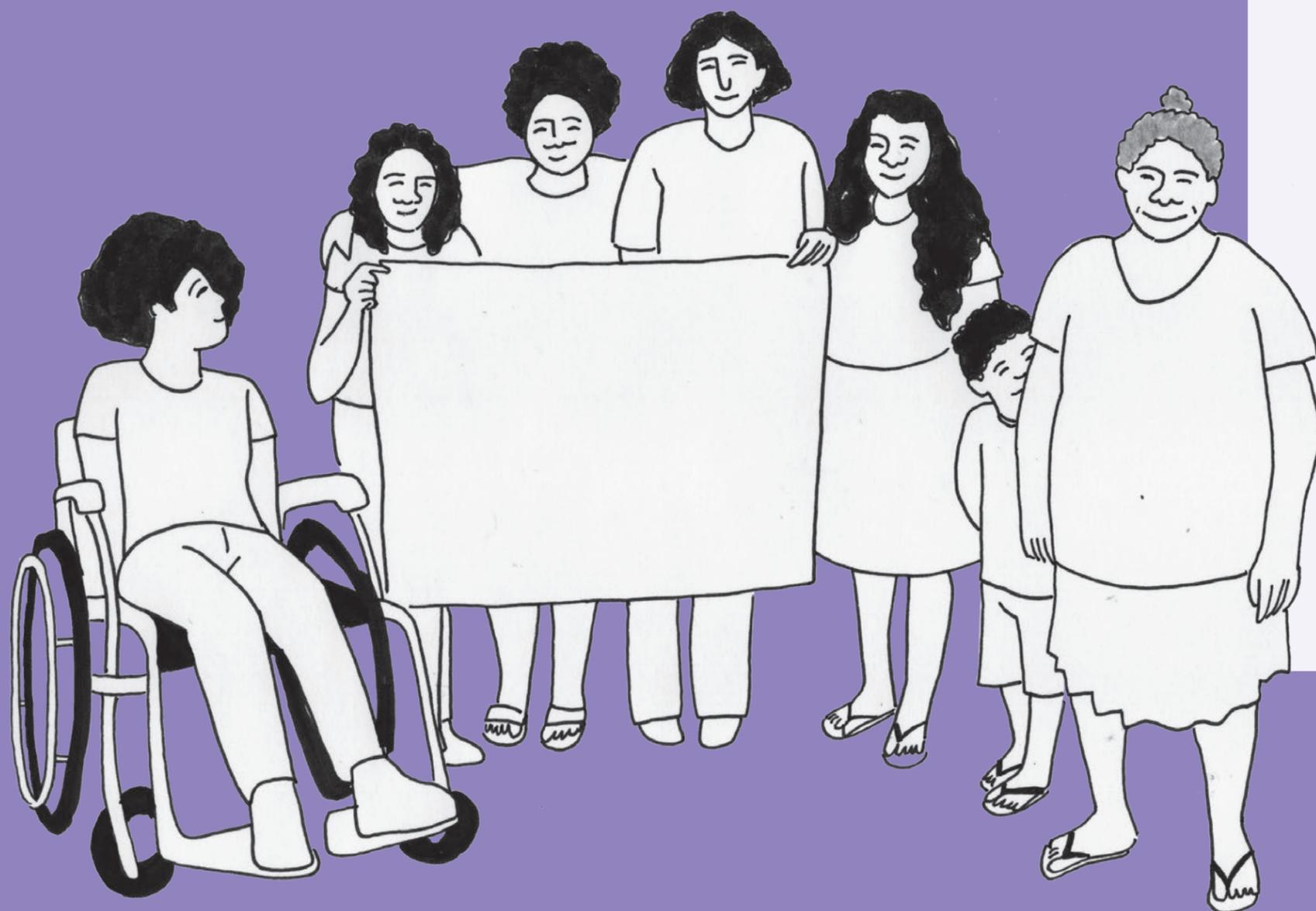
**Coletivo Nacional de Gênero  
do Movimento dos Pequenos Agricultores**

# **SAÚDE CAMPONESA POPULAR**

————— **Cartilha 4** —————

**MPA**  
**Movimento dos Pequenos Agricultores**





**O** MPA, através do Coletivo Nacional de Gênero, vem dando passos na construção de um grande desafio coletivo que é o de construir um **Plano estratégico de ação feminista nacional do movimento**, a partir dos eixos de articulação, formação, produção e abastecimento e incidência política nacional dentro de um diálogo processual, orgânico e pedagógico das instâncias até os territórios onde a vida camponesa pulsa. Esta construção inicial se coloca como um desafio e, ao mesmo tempo, um passo essencial para os próximos dois anos para o avanço do movimento na atual conjuntura brasileira de crises e agravamento dos problemas estruturais aqui enfrentados.

Dentro da construção deste plano de ação, a formação e a discussão na base camponesa do MPA aparece como um elemento fundamental para pensar a relação do nosso cotidiano com a construção estratégica da nossa organização. Fruto desse objetivo, o Coletivo Nacional de Gênero publicará seis cartilhas de formação em **Feminismo Camponês e Popular**, articulando as várias dimensões desta construção.

Você tem em suas mãos a quarta cartilha intitulada **Saúde camponesa popular**.

Por tudo isto, convidamos nossa base camponesa a fazer leituras, debates e contribuições de forma compartilhada desde os nossos territórios, grupos de base e instâncias e se somar conosco neste pensar e construir nossos territórios camponeses, estratégias para o poder popular e a luta feminista.

Boa leitura e bom estudo!

**Coletivo Nacional de Gênero**  
**MPA Brasil**

# A SAÚDE POPULAR e a luta por IGUALDADE de GÊNERO

O campesinato nasce das velhas estruturas que também forjaram o sistema capitalista; daí partem as contradições que também enfrentamos e que se tornam barreiras para o avanço das organizações coletivas. Romper com a desigualdade de gênero é desfazer as estruturas de exploração e expropriação que foram engendradas para servir ao acúmulo da propriedade privada e do capital no capitalismo (Engels, 1982).

Ao longo do tempo, nas atividades desenvolvidas pelo MPA, passamos a observar as mulheres na agricultura, suas vidas, suas lutas e sua participação na mobilização social e percebemos que esta consistia, para a grande maioria, em ficar na propriedade cuidando de tudo para que seus maridos e pais pudessem participar da organização política. O MPA compreendeu a importância de ter um espaço específico de debate para as mulheres nos mais diversos temas que se relacionam com a desigualdade de gênero. Esses espaços transcenderam para a totalidade do Movimento, a fim de promover debates, reflexões e ações que contribuam para a superação da sociedade patriarcal, do machismo e de todas as formas recorrentes da opressão das mulheres da classe trabalhadora. É das mãos camponesas que brotam os alimentos, muitas vezes chamados de *miudezas* ou da criação.

Criação confunde-se com a criação dos filhos, mas refere-se ao trabalho com os animais: galinha, porcos, vaca de leite. Miudezas vêm de miúdo, pequeno, e refere-se à produção que não está na lavoura, local da produção que denominam de “carro-chefe”, que é de onde provém a maior parte da renda bruta familiar, através de sistemas integrados de produção. Essas miudezas perfazem uma diversidade enorme de alimentos e plantas medicinais, e separar o povo da possibilidade de produzir alimentos é central para esse sistema que mói vidas humanas e da natureza (Chimini, 2021, p. 160).

Por isso, refletir sobre saúde é central para os processos de lutas e resistências, para pensar e refletir, é necessário um corpo bem nutrido e alimentado. E por aí passa, mais uma vez, a centralidade da questão agrária no Brasil e com ela as expressões sociais que passam as mulheres, do campo e da cidade.

A saúde não é a ausência da doença, ter saúde é bem mais amplo que isso. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1946, “definiu saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade. A percepção do conceito de qualidade de vida também tem muitos pontos em comum com a definição de saúde<sup>1</sup>”. O campesinato organizado compreende a importância de uma vida de qualidade para a manutenção de um corpo saudável.

Essa compreensão passa por todas as consequências sofridas pelo campesinato desde a implementação da Revolução Verde no Brasil, que aprofundou a entrada do capital no campo, com mais ênfase a partir de 1960, e contou com o apoio e com o financiamento do governo brasileiro, principalmente no período do Regime Militar. A partir de então, deu-se uma corrida para a modernização agrícola, que quer ser sinônimo de modernidade e desenvolvimento, e esses com crescimento econômico, que valoriza o lucro acima da vida. O que destoar desse “moderno” que vem de fora das comunidades, passa a ser atrasado e desvalorizado, com objetivo de homogeneizar as culturas “à imagem e semelhança de suas metrópoles imperialistas” (Rocha, 2000, p. 113).

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://saudebrasil.saude.gov.br/eu-quero-me-exercitar-mais/o-que-significa-ter-saude>>. Consultado em 14/09/2021.

A subsistência dá lugar à monocultura, as sementes crioulas e/ou tradicionais perdem espaço para sementes híbridas e transgênicas, o conhecimento milenar dos camponeses e camponesas é considerado atrasado e a característica mais marcante desse processo é que, para iniciar a produção, é preciso endividar-se para a aquisição dos insumos e dos maquinários necessários para a intensificação da produção agrícola. Esses insumos e maquinários foram denominados de "pacotes tecnológicos", termo que não foi cunhado aleatoriamente. O seu contraponto remete ao atrasado que, por sua vez, designa tudo o que esteja relacionado com a própria agricultura camponesa familiar. (Chimini, 2021, p. 35)

Forçar o êxodo rural não acarreta consequências somente àqueles e àquelas que produzem o alimento, mas para a totalidade da classe trabalhadora: gera a fome! Esse crime não é condenável, quem gera a fome, gera também as doenças e a falta de perspectiva. Afastar o povo da produção de alimentos é estratégico para a finalidade de acumulação de mais capital e isso passa pela ausência de políticas públicas de incentivo da produção familiar camponesa, mas, primeiramente, pelo cerceamento das terras e da água.



As mãos camponesas fazem brotar o alimento da terra que, por meio de ciclos curtos de comercialização, faz chegar ao povo, sem atravessadores, alimentos mais saudáveis e com preços mais justos. Falar da fome, atentando para o êxodo rural, não expõe apenas a subsunção do campesinato ao capital, mas de toda a classe trabalhadora. A privação à alimentação cria vulnerabilidades que fazem o capital avançar, é justamente a escala da acumulação que define a escala da fome, é a acumulação do capital que chega a níveis que não suportam a reprodução das condições de vida do trabalhador e da trabalhadora, que gera a fome. Não será o agronegócio que garantirá que a comida chegue em todas as casas. O agro(negócio) é fome, o agro(negócio) é morte! (Chimini, 2021, p. 102)

As particularidades do sistema capitalista, nos países de economia dependente, como o Brasil, acirram a luta de classes e geram processos coletivos de enfrentamento e de resistência, enquanto classe trabalhadora. A história e a resistência do povo que se organiza e pressiona para transformações sociais, são forças propulsoras dos processos de lutas que ora constroem ações que são pontuais e miram o acesso concreto a determinado direito - tática -, ora sinalizam para um projeto de sociedade - estratégia - onde possam existir direitos humanos.

A construção de um sistema de saúde que pautar a vida e a saúde do povo como um direito humano nasce da resistência, da participação coletiva e do controle social, que se concretiza com a CF/88. Vamos ao SUS!

# POLÍTICAS PÚBLICAS e a DEFESA do SUS: caminhos da LUTA COLETIVA<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Com colaboração de Patrícia Ana Muller, Enfermeira de Saúde da Família.

A saúde no Brasil é operacionalizada a partir do SUS – Sistema Único de Saúde, formalmente implementado a partir da CF/88 – Constituição Federal de 1988. O SUS nasce da pressão e mobilização social da sociedade civil organizada que pautou a saúde como direito humano e dever do Estado. O SUS é um sistema, um conjunto organizado e articulado de serviços, ações e saúde nas esferas dos municípios, dos estados e governo federal, além dos serviços privados suplementares.

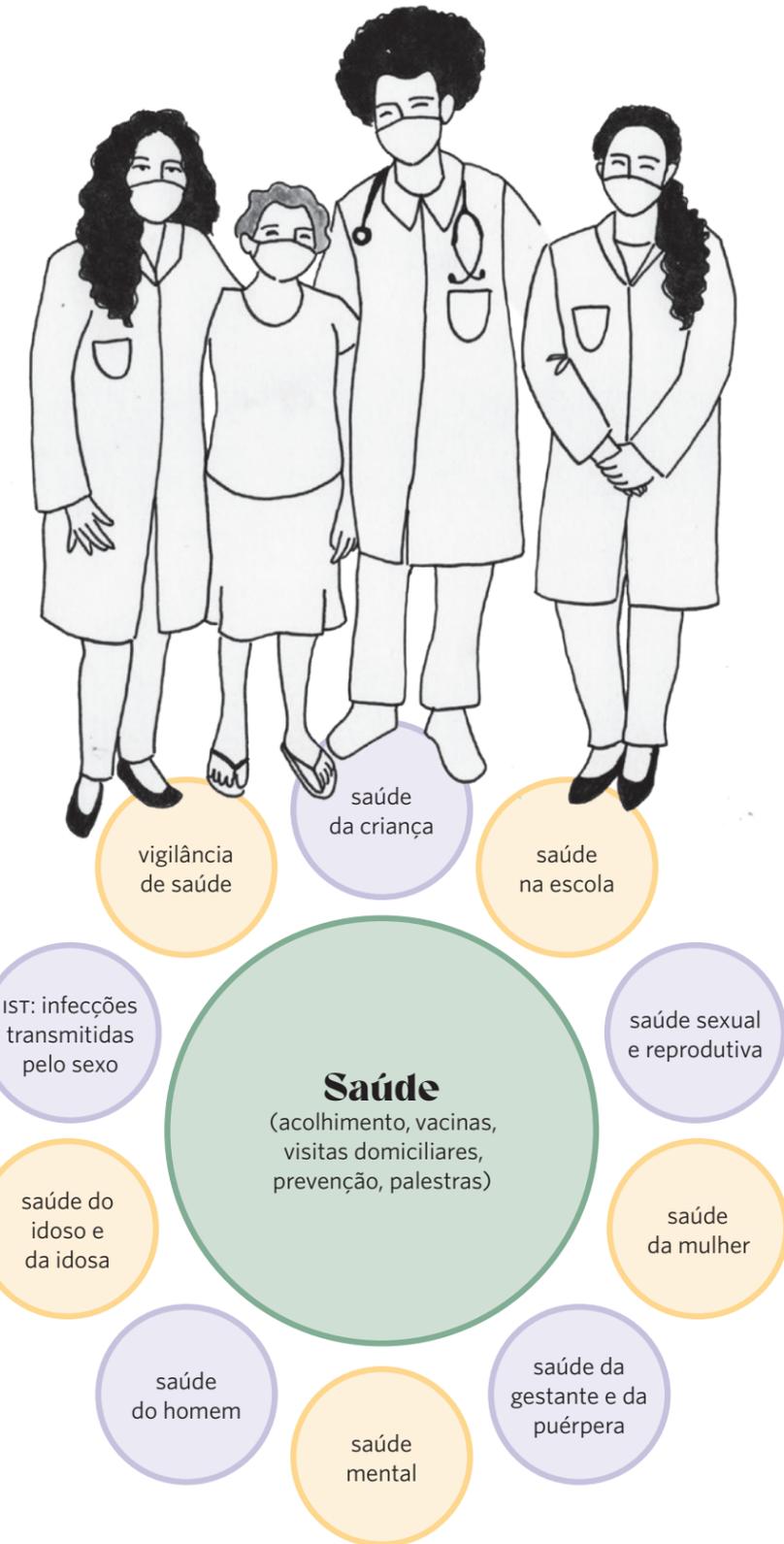
SAÚDE	
COMO MERCADORIA (\$)	COMO DIREITO HUMANO
O objetivo é o lucro	O objetivo é o bem estar e a saúde das pessoas
Só acessa quem paga pelos serviços	Acesso universal e irrestrito: gratuito
Fortalece a iniciativa privada	A serviço do povo
O Estado não deixa de custear a iniciativa privada	Dever do Estado
Clientes	Pacientes/usuários
Quanto mais pessoas doentes, mais se lucra	O ganho é o povo com saúde
Tem donos e proprietários. Gestão não participativa	Com controle social, participação coletiva nos conselhos municipais, estaduais e nas conferências de saúde
<b>PAGA</b>	<b>UNIVERSAL, INTEGRAL, GRATUITA E EQUÂNIME</b>



Políticas públicas e a defesa do SUS: caminhos da luta coletiva

Nos municípios, reconhecemos o SUS através das equipes formadas por diferentes profissionais da área da saúde, que fazem parte do Programa de Saúde da Família. Esse braço da saúde está nas comunidades, mais perto de nossa casa, onde contamos, principalmente, com agentes de saúde que desenvolvem ações de prevenção, mas também de identificação de riscos à saúde. O Programa de Saúde da Família, já foi atualizado e hoje o conhecemos como **Atenção Básica e Estratégica de Atenção à Saúde da Família — ESF** (ESF: 648/2006) e é o primeiro nível de atenção no SUS que permite o conhecimento e acompanhamento dos usuários. O ESF conta com apoio dos **Núcleos de Apoio à Saúde da Família — NASF** (NASF: 154/2008), e tem como responsabilidade atuar e reforçar as diretrizes na atenção à saúde: interdisciplinaridade, intersetorialidade, educação, popular, território, integralidade, controle social, educação permanente em saúde, promoção da saúde e humanização.

Somos seres bio-psico-sociais, formados por um complexo de vidas (células que formam nervos, ossos, pele, e os diversos sistemas que compõem nosso corpo), somos forjados e forjados pelas diversas situações psicológicas que enfrentamos e convivemos ao longo de nossa existência, bem como do meio social, do nosso convívio, de nossa comunidade, nossas crenças, nossa identidade. Compreender esse complexo que nos forja, possibilita atuarmos e lutarmos para que a saúde seja compreendida nesses vários aspectos da vida, individual, coletiva, particular e na totalidade.



Refletir sobre a saúde nos remete ao ato de cuidar e logo lembramos das mulheres da nossa família, da nossa comunidade. Mas será que cuidar é coisa de mulher?

# CUIDAR é coisa de MULHER?

“Mulheres são cuidadoras natas”. “Mulheres nasceram para servir”. “Mulheres levam mais jeito para cuidar de crianças/idosos/doentes”. Certamente você já ouviu esses e outros sentidos comuns sobre o papel de cuidadora da mulher em nossa sociedade. Para falarmos sobre saúde, é preciso analisar o que se esconde por trás dessas frases feitas. Afinal de contas, são as mulheres a maior parte das cuidadoras de pessoas doentes, seja profissionalmente — como enfermeiras e técnicas de enfermagem — ou informalmente — enquanto familiares.

No corpo feminino não há nada, nenhum órgão a mais ou a menos, que determine às mulheres esse lugar do cuidado, não é mesmo? Então, se não está em nosso corpo, é provável que essa determinação de cuidar esteja fora de nós. Ou seja, se não é uma determinação biológica, o mais provável é que ela seja uma determinação cultural e, por isso mesmo, construída ao longo da História.

Nesse sentido, há correntes de estudo que defendem que as mulheres se tornaram cuidadoras ainda nas cavernas, quando os homens saíam para a caça, e elas ficavam em casa, cuidando das crianças, doentes e mais velhos. Porém, é preciso lembrar que a maioria desses estudos arqueológicos/antropológicos são capitaneados por homens, ou seja, eles também são fruto de uma interpretação que é perpassada por todo o peso cultural do patriarcado. Mais recentemente, da década de 2010 em diante, alguns novos estudos têm apontado que também as mulheres eram caçadoras entre os nossos antepassados. Aqui mesmo na América Latina, alguns fósseis apontam para esta possibilidade.

Se é difícil determinar onde começa essa criação cultural da mulher como cuidadora, é fácil apontar como isto se consolidou no capitalismo, e se tornou uma das bases de sustentação dele e de seu irmão, o patriarcado. Isto porque, para o capitalismo, a reprodução da mão-de-obra é essencial. E é preciso lembrar que a reprodução aqui não é apenas dar à luz a novos seres humanos, mas sim cuidá-los e criá-los saudáveis e aptos ao trabalho. E para que o capitalismo se sustente, esse trabalho da reprodução e do cuidado não pode ser remunerado como os demais trabalhos ditos produtivos.



COMO É VISTO O TRABALHO DO CUIDADO?	
COM O CAPITALISMO (\$)	ANTES DO CAPITALISMO
Estado e a Igreja passam a interferir sobre os corpos femininos	A mulher ocupava todos os espaços
Os métodos contraceptivos e abortivos ilegais e imorais. A chegada do capitalismo e da medicina moderna mudou completamente esse cenário, medicalizando corpos e acontecimentos fisiológicos como o parto e a menstruação. Retirando as mulheres da sala de parto e substituindo-as por homens e máquinas	Os partos seguiram um caminho muito parecido na história. O parto era coisa só de mulheres. Os homens sequer podiam entrar nos quartos ou salas em que os partos aconteciam. As mulheres mais velhas estavam presentes para assistir as grávidas, e as mais novas estavam lá para aprender e acudir no que fosse necessário. O conhecimento sobre o trabalho de parto, os cuidados na gravidez e pós-parto, as plantas necessárias e as que deviam ser evitadas, tudo isso era espaço exclusivamente feminino
Medicina ocidental nos moldes como a conhecemos hoje: masculina e elitista	As mulheres eram as responsáveis pela cura e tratamentos de saúde, tanto quanto pela prevenção de doenças. Elas eram a maioria entre as pessoas que conheciam sobre as plantas medicinais, como identificá-las e prepará-las
Aos homens foi dado o espaço de poder (simbólico e real) da medicina moderna	Naquele período, era comum que as pessoas vivessem em pequenas comunidades, dividindo entre si os trabalhos de cuidado. Essa vida comunal era igualmente usual na América Latina e África do período pré-colonial, sendo os cuidados partilhados, tanto quanto a sabedoria acerca deles
O espaço doméstico torna-se o espaço feminino. A elas agora cabem as tarefas domésticas, do cuidado, da reprodução	Neste período pré-capitalista, portanto, a sabedoria e a prática de cura era coisa de mulher e <b>o cuidado era coisa da comunidade</b>
Às mulheres, restou o cuidado invisível, diário e doméstico, das pessoas acamadas em casa, do acompanhamento de hospitalizados, das crianças e idosos	



# Práticas de SAÚDE POPULAR nas comunidades: a RESISTÊNCIA das mulheres da CLASSE TRABALHADORA

**P**ara seguir acumulando, o capital vai expropriando e explorando as trabalhadoras e trabalhadores de seus direitos, num contexto em que tudo vira mercadoria. Por isso, reafirmar a saúde popular, além de contribuir com a soberania nacional, é estratégia política para a luta de classes, pois defende um povo bem alimentado e com saúde.

Na perspectiva da integralidade da saúde, as práticas são perpassadas por saberes e práticas, que colocam a vida, a dignidade e o respeito entre as pessoas e com a natureza acima dos lucros. É nessa mesma perspectiva que a saúde popular é também um elo entre os territórios rural e urbano, e seus povos, pois o conhecimento popular anda com os sujeitos e sujeitas que o carregam e desenvolvem seus saberes e que são perpassados pela oralidade, pela prática, que compõem a sabedoria popular.

Seja nas comunidades rurais ou nas periferias urbanas, os métodos, práticas, plantas medicinais, chás, chapeiradas, infusões, partos, emplastos, homeopatia e tantas outras práticas, transversalizam o conhecimento popular sobre a saúde humana e dos animais, que não depende da mediação do dinheiro para acessá-la. Por sua existência e por todos os seus símbolos e significados, a saúde popular é resistência porque assume a saúde como direito inalienável e acrescentamos a perspectiva de gênero, pois aliada ao cuidado, questionamos também a sobrecarga de trabalho das mulheres. Logo, reafirmamos e defendemos a saúde popular numa perspectiva de classe e de gênero, para que não se torne nicho de mercado. Isso posto, defendemos a saúde popular e um sistema de saúde público, universal e gratuito.

Foi na contradição do capital que a homeopatia popular retoma forças e passa a ser companheira inseparável de muitas famílias, principalmente nos lugares mais distantes e desassistidos. Essa prática é construção centenária e é baseada na observação, no trabalho de cuidar e na experiência concreta, olhando para o ser humano como parte do universo e, por isso, para ter saúde humana todo o ambiente também precisa estar bem cuidado e equilibrado.

As práticas homeopáticas populares têm construído, despertado e alimentado um jeito coerente de vida, de campo, de alimentação... enfim, de saúde integral. Portanto, juntos, saúde popular e integrativa, tornam-se cada vez mais uma trincheira de resistência para nós mulheres camponesas e para a totalidade da classe trabalhadora.

A homeopatia e outras práticas integrativas e complementares (PIC<sub>s</sub>)<sup>3</sup> foram inseridas ao rol de possibilidades de tratamentos oferecidos pelo SUS. As PIC<sub>s</sub> são os tratamentos tradicionais ofertados por pessoas capacitadas, principalmente na Atenção Básica (ESF). Essas práticas só começaram a integrar o SUS a partir da participação das mulheres nas instâncias de controle social da política pública da saúde, com articulação e pressão dos movimentos sociais populares, da sociedade civil organizada. Atualmente, o Brasil é referência internacional em PIC<sub>s</sub>!

As ervas medicinais seguiram sendo cultivadas nos quintais por mãos femininas, o conhecimento sobre seu uso seguiu sendo contado e ensinado nas cozinhas e outros espaços "de mulher". As hortas medicinais seguem sendo resistência e quando as mulheres avançam, a sociedade inteira avança!

---

3 O Plano Nacional de PICs (PNPIC) foi aprovado em 2006.

- 54% dos municípios brasileiros têm as PIC<sub>s</sub> na Atenção Básica.
- As plantas medicinais ocupam lugar tão importante nas PIC<sub>s</sub> que ganharam dois programas próprios e que se complementam: o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.
- O programa nacional Farmácia Viva, para a criação de farmácias de fitoterápicos e plantio de hortas medicinais via sus.



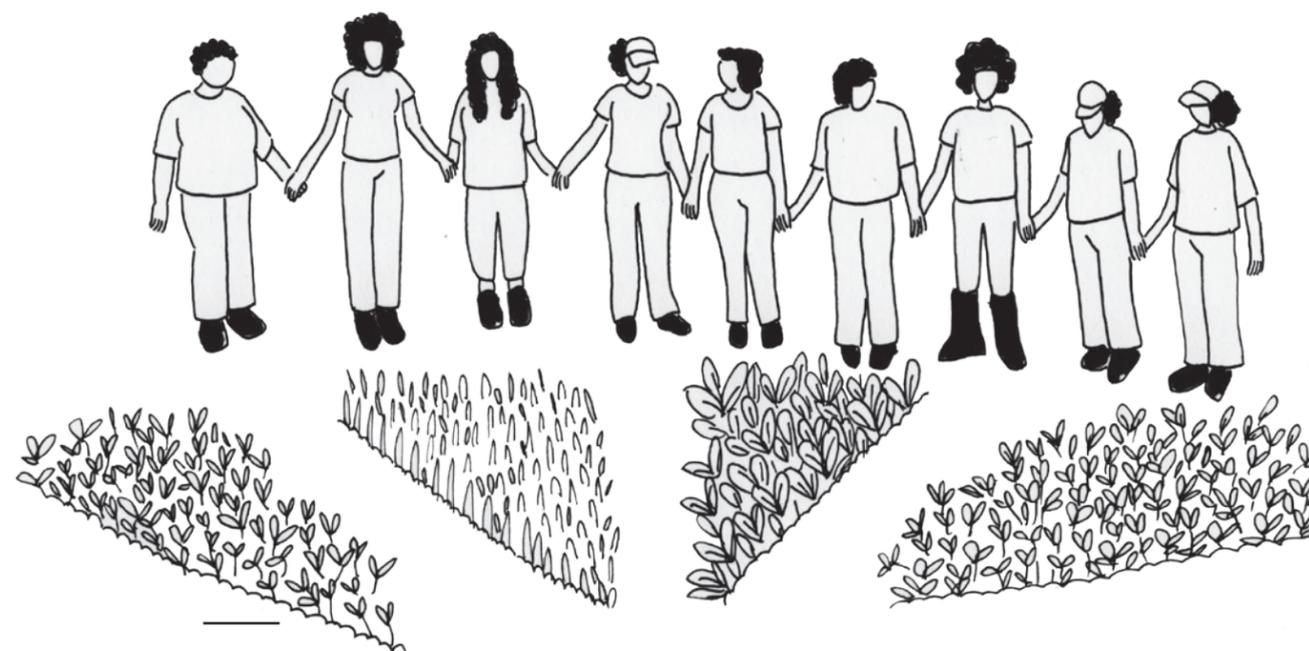
# As PLANTAS MEDICINAIS como fator mobilizador: algumas experiências a partir das MULHERES do MPA

## A EXPERIÊNCIA DO RIO GRANDE DO SUL

O Coletivo de Gênero do Movimento dos Pequenos Agricultores — RS inicia no ano de 2006 e já nasce imerso nas lutas, das mobilizações e integrado aos movimentos sociais populares da Via Campesina, compondo as “Mulheres da Via”. Essa integração deu-se desde a origem e com o batismo na luta coletiva das mulheres, que, já em 2006, realizaram conjuntamente o ato de denúncia no Horto da Aracruz Celulose. Sobre esse ato específico<sup>4</sup>, podemos afirmar que foi um marco, não só pela data do 8 de março, que era comemorado e que passou a ser reafirmado como um dia de luta das mulheres, mas também porque passou a integrar a luta contra o capital internacional, denunciando suas consequências sobre as comunidades rurais do país, principalmente sobre os povos indígenas e quilombolas do município de Aracruz/Es. Sob os gritos de ordem “onde o deserto verde avança, a diversidade é destruída”, as mulheres escancararam para o mundo uma das faces perversas do sistema capitalista, agindo diretamente sobre a vida dos camponeses e camponesas e dos povos originários.

Foi nesse processo que despontou a necessidade do resgate de saberes e a utilização das plantas medicinais. Durante muitos anos, as plantas medicinais foram o fator mobilizador desse Coletivo e isso acrescentou um capítulo lindo de pura identidade camponesa e indígena, com um profundo olhar sobre a natureza e todas as possibilidades que ela oportuniza de forma sustentável para o futuro da humanidade. Os encontros envolviam um trabalho prático no horto medicinal e um teórico sobre assuntos relacionados com a pauta da diversificação da produção e da soberania alimentar.

**Trabalho no horto medicinal, plantio, troca de mudas e de conhecimentos, elaboração do “Relógio do Corpo Humano”, em agosto de 2008 — Santa Cruz do Sul/RS**



<sup>4</sup> Para mais informações sobre esse ato histórico acessar o documentário “Rompendo o Silêncio”. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=VNpAm\\_SMxxg](https://www.youtube.com/watch?v=VNpAm_SMxxg)>. Acesso em: 22 jul. 2021.

As plantas medicinais mobilizaram o Coletivo de Gênero do MPA/RS e desvelam várias dores e sofrimentos, expondo situações e contextos difíceis, e que, coletivamente, possibilitou trazer à tona violências naturalizadas e lutar por melhores condições de vida. A partir das demandas que vieram nos encontros possibilitados pelas plantas medicinais, nos anos que seguiram, a pauta da violência passou a fazer parte, conjuntamente com as pautas da totalidade do campesinato, ocupando o mesmo espaço das denúncias contra o agronegócio.

CONTEXTO DE INTERVENÇÃO DO COLETIVO DE GÊNERO MPA/RS	
EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL	MEDIDAS COLETIVAS/DENÚNCIAS
Violências contra as mulheres: física, psicológicas, sexuais, patrimoniais, moral	Desnaturalizar as várias formas de violência
Subnotificações das violências sofridas, por medo e por deficiência de uma rede que não as protegia de fato	Ocupar espaços nos conselhos municipais e estaduais do Conselho dos Direitos das Mulheres
Atendimento inadequado ou inexistente para escuta, acolhimento e denúncia das mulheres	Identificarmos a rede de proteção das mulheres
Delegacias sem atendimento especializado para atender as denúncias de violências	Acionar junto ao Estado as ferramentas de proteção e denúncia (disponibilização do ônibus lilás, que nos auxiliou e chegar nos mais distantes territórios com uma equipe qualificada)
Ausência de sinal de celular no interior para as emergências (que a mulheres pudessem ligar 190 ou discar 100)	Atos de denúncias com relação aos indeferimentos das medidas protetivas e precarização no atendimento às mulheres nos Fóruns e junto ao poder judiciário
A invisibilidade do feminicídio no registro das mortes das mulheres causadas pelos maridos ou ex-maridos, que entrava na seara comum dos homicídios	
Falta de casas de acolhimento e de passagem para as mulheres vítimas de violência e para seus filhos e filhas	Cartas públicas e denúncias nas mídias de maior circulação nas regiões
A continuidade do agressor na casa ou na comunidade	
A retirada do boletim de ocorrência por medo e ameaças	

## A EXPERIÊNCIA DA CHAPADA DIAMANTINA — BAHIA

A regional do MPA na Chapada Diamantina nasceu também sob as bênçãos e com a guiança das plantas medicinais. A princípio, algumas mulheres se reuniram na vontade de criar um coletivo que envolvesse as mulheres e a produção de ervas medicinais no território da Chapada, recebendo, desde as primeiras reuniões, o apoio e a formação do MPA. Logo, o coletivo se tornou a mais nova regional do MPA na Bahia, tendo como uma de suas comunidades base a Volta do Américo, no município de Lençóis, em cuja feira agroecológica a maioria dessas mulheres se conheceu.

Essa feira foi organizada pelas mulheres da comunidade para comercializar a produção de seus quintais produtivos agroecológicos. E nessa produção, claro, as ervas e plantas medicinais cultivados nos quintais e coletados na mata nativa. Com a pandemia, a feira se transformou em cestas agroecológicas entregues na cidade, e o labor com as plantas medicinais se intensificou. A mulherada vem aprimorando o beneficiamento e armazenagem das ervas. Muitas delas ainda guardam as receitas ancestrais de feitura de xaropes e garrafadas. E outras, se encantam em se encontrar nessa caminhada com as plantas de remédio.

## A EXPERIÊNCIA DE RONDÔNIA

Em Rondônia, além das ervas medicinais, a saúde popular nos espaços do MPA também tem sido construída com o ancestral conhecimento sobre a homeopatia popular. Desde o início da atuação do movimento no estado, as alas mais progressistas da igreja católica se fizeram presentes na parceria da organização do campesinato. A princípio, a Pastoral da Saúde desenvolveu um trabalho voltado para as crianças com desnutrição, mas logo ampliou a atuação na saúde popular, formando camponesas e camponeses na homeopatia popular, que foram se apropriando do jeito de cuidar e de produzir as homeopatias, a serviço do povo. E estas não eram só usadas para o tratamento das pessoas, mas também das plantas e dos animais. A homeopatia popular teve e tem um papel muito importante no processo de transição, nas propriedades familiares, do monocultivo para o cultivo agroecológico, ajudando as produtoras e produtores a lidar com os insetos e matos que aparecem nas plantações. Nesse processo, também as ervas medicinais são utilizadas para produzir os defensivos naturais. Além de fazerem parte da produção das famílias que é comercializada nas feiras.

Anualmente, o MPA em Rondônia organiza a Festa Camponesa, espaço de encontro, troca de conhecimento, sabedorias, mudas e sementes. E nela sempre tem espaço para as ervas medicinais. Principalmente, as mulheres levam mudas e sementes para trocar, garantindo que todas as regiões do estado tenham essa diversidade. Isto também garante que mais camponesas estejam envolvidas na guarda dessa biodiversidade e da sabedoria ancestral do uso dessas plantas.

# Como ter SAÚDE numa sociedade que coloca os lucros acima da VIDA?

São muitos desafios que atravessam a vida das camponesas e que interferem diretamente na saúde de todes: a precariedade no acesso à água, estradas que inviabilizam, cada vez mais, o escoamento da produção, a falta de fomento à agricultura camponesa, o desmonte dos direitos fundamentais e sociais de saúde, educação, cultura e seguridade social e, tudo isso, costurado pela desigualdade de gênero. A expropriação e exploração acirram-se sobre os corpos das mulheres e, de forma mais feroz, sobre as mulheres negras e indígenas. Quiçá, um dia, todas sejamos livres e tenhamos autonomia para pensar, agir e sonhar.

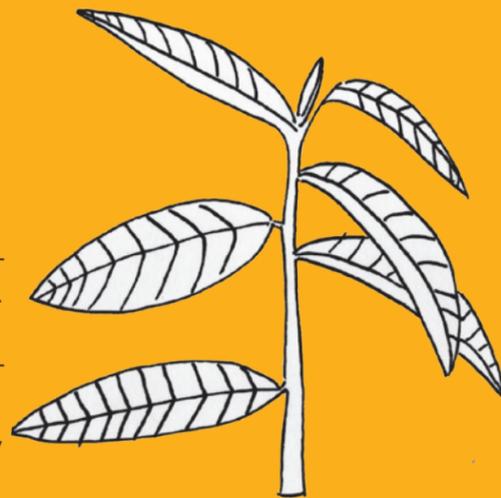
Produzir alimentos agroecológicos e defender a saúde popular, numa compreensão integral de classe e gênero, implica disputar o poder econômico e político na perspectiva da soberania nacional, em defender a vida, defender a fartura e denunciar a fome e a saúde como mercadoria.

Lutamos e acreditamos na superação do capital pelas resistências que faz verter consequências nos territórios rurais e urbanos, que une a classe trabalhadora do campo e da cidade, mas que encontra limites quando esbarra na desigualdade de gênero e no racismo estrutural (temática de nossa próxima cartilha) visto ser a camponesa a maior incentivadora e incrementadora desses conhecimentos e práticas nas comunidades. Nesse sentido, reafirmamos que sem feminismo não há agroecologia e que na medida em que avançamos na compreensão da nossa condição enquanto classe trabalhadora, em um país de economia dependente e cuja história do continente foi construída sobre o escravismo e o genocídio dos povos originários, também afirmamos com força que com o feminismo, construiremos o Socialismo! Há muita luta ainda por fazer e uma história de justiça social para construirmos, avante!



## DEPOIMENTOS

Meu nome é Jéssica, faço parte do MPA desde criança juntamente com minha família. Fiz parte da ciranda e assim fui crescendo no movimento..., mas estou aqui pra relatar um pouco sobre como é minha experiência com os remédios naturais. Tenho um carinho especial por todas as ERVAS pois nela fui curada de um câncer de pele. Comecei com uns três meses o tratamento, nós sabemos que todo tratamento é demorado. Um dos tratamentos que utilizei foi a argila, outro foi o confrei. Essa é umas das plantas que onde eu vou, eu carrego comigo. A pomada de confrei é utilizada para cicatrização, é excelente. E assim foi: todo um processo que consegui vencer.



Meu nome é Francisca Tavares, moro na Fazenda Boa Vista - Ouricuri — PE, sou parte do Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA e animadora da comunidade. Desde muito cedo a gente usava as plantas medicinais para tratamento de doenças mais comuns, febre, diarreia, vermes. Nos anos de 1980, tive contato com a pastoral da saúde, participando dos encontros de troca de experiências, aprendi usar outras plantas e conheci também o barro. Hoje nós usamos o barro, óleo de angico e o lambedor com frequência.

Meu esposo (de Francisca Tavares) tinha uma enfermidade, sequela de uma picada de cobra, usou todos os remédios químicos e não sarava, começamos a usar barro no local afetado, com uso contínuo e ele ficou curado, a partir daí usamos barro pra tudo, pancada, cortes, dores musculares, e etc.



Hilário, camponês do município de São Gabriel da Palha/ ES. Entre tantas culturas, produz também alho. No ano passado, foi surpreendido com uma doença que atacou as pontas das folhas chegando até a raiz. Hilário, como um bom homeopata popular, tratou logo de preparar uma homeopatia a partir da planta doente. No preparo, diluiu 34 gotas desta homeopatia em 10 litros de água e pulverizou nas plantas a cada 3 dias. O resultado foi maravilhoso, e hoje já está colhendo alho de qualidade novamente.



## VAMOS TROCAR RECEITAS?

**Receita da Pomada de confrei:** indicada para cicatrização de feridas, também para dores e contusões.

### Ingratientes

- 24g de folhas secas de confrei ou 60g de folhas frescas
- 100ml de óleo vegetal de boa qualidade (de preferência, extravirgem)
- 4 colheres de sopa de cera de abelha derretida

### Modo de preparo

Coloque as folhas e o óleo em um recipiente de vidro e leve ao fogo em banho-maria. Não deixe a água do banho-maria ferver! Mantenha sempre o fogo muito baixo. Depois de cerca de 2h, desligue o fogo e coe o óleo retirando as folhas. Volte para o banho-maria, acrescentando a cera de abelha e misture bem para incorporar. Transfira imediatamente para o recipiente onde pretende armazenar a pomada (deve estar limpo e esterilizado). Espere esfriar e pode usar.



**Lambedor ingredientes:** Indicado para gripe, tosse, asma, bronquite, catarro no peito, pneumonia.

### Plantas utilizadas

Crista de galo, muçambê, malva do campo, gogoia, noz moscada, guandu, angico aroeira, ameixa, bom nome, anil estrelado, romã, nelvralgina, amora, pimenta de nico, flor de catingueira, jatobá, alecrim, agrião, umburana de cheiro e jarrinha.

### Modo de preparo

Coloque 850g de açúcar e 450ml de água na panela até ferver, quando se deve acrescentar as plantas picadas. Cozinhe em fogo baixo de 10 a 15 minutos. Depois, é só coar e guardar na geladeira.



**Óleo de Angico:** Indicado para dores musculares, má digestão, garganta inflamada, alergia, asma, bronquite, catarro no peito, câncer e tuberculose.

### Modo de usar

Uma colher de sopa por sete dias ou uma colher de chá por dez dias em jejum prevenção do câncer.

**Cura do Barro:** O barro cura a picada de todos os insetos, dores de cabeça, coluna, cortes, ferimentos e dores musculares.

### Modo de usar

Molhar faz uma pasta e coloca na parte afetada para a dor de cabeça colocar na cabeça e na barriga.

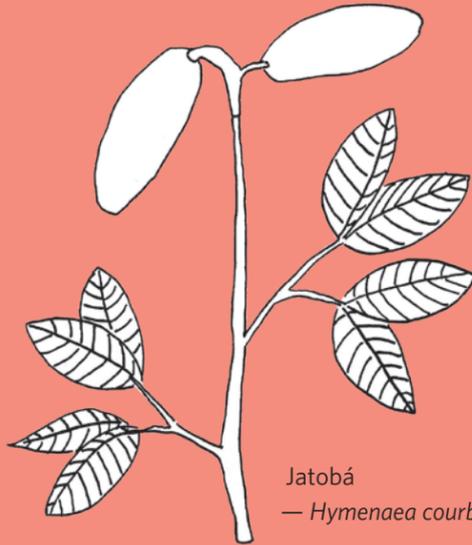


**HERBÁRIO COM ALGUMAS PLANTAS E SEUS NOMES CIENTÍFICOS**

Como você as conhece na sua região?



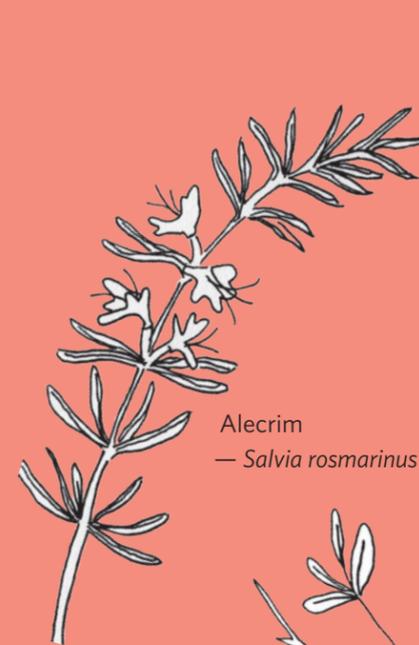
Muçambé, Sete-marias, mus-sambe-de-espinho, beijo-fe-dorento, mussambé-miúdo



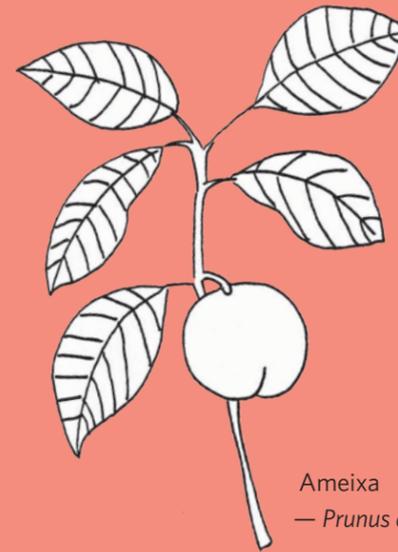
Jatobá  
— *Hymenaea courbaril*



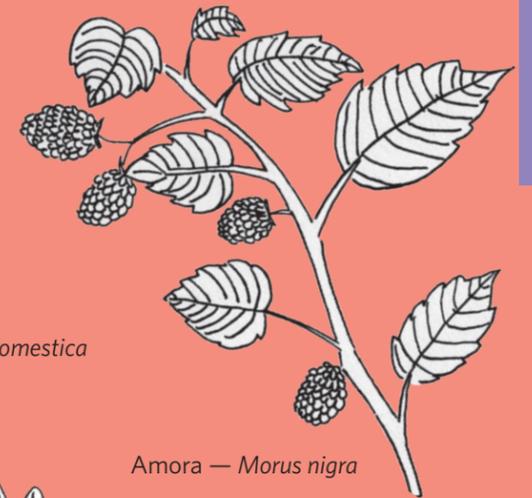
Agrião  
— *Nasturtium officinale*



Alecrim  
— *Salvia rosmarinus*



Ameixa  
— *Prunus domestica*



Amora — *Morus nigra*



Romã — *Punica granatum*



Anil estrelado  
— *Illicium verum*



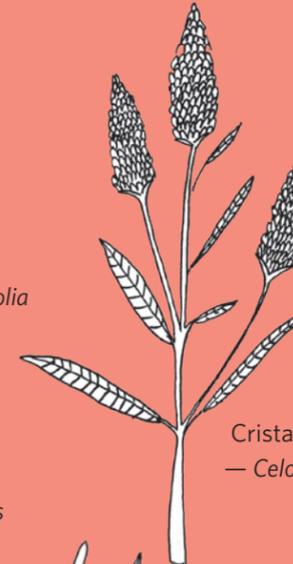
Angico vermelho  
— *Anadenanthera macrocarpa*



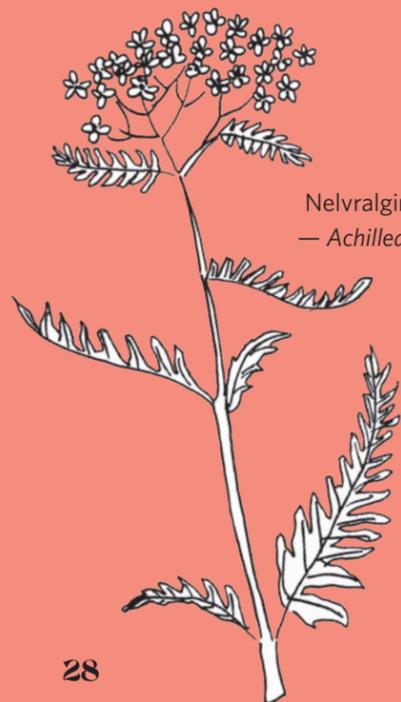
Noz moscada  
— *Myristica fragrans*



Aroeira  
— *Schinus terebinthifolia*



Crista de galo  
— *Celosia argentea*



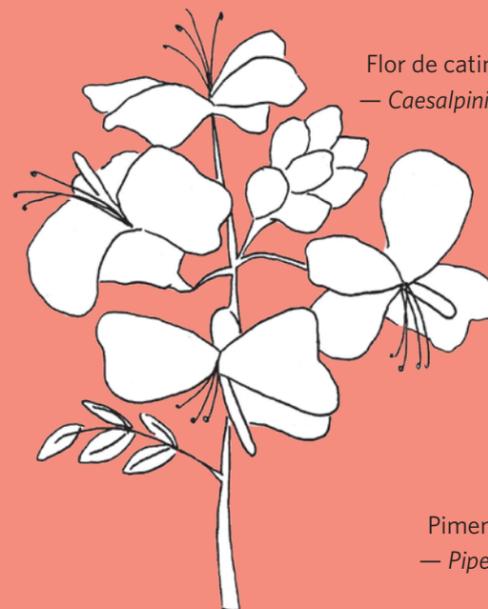
Nelvralgina  
— *Achillea millefolium*



Guandu  
— *Cajanus cajan*



Gogoia  
— *Solanum capsicoides*



Flor de catingueira  
— *Caesalpinia pyramidalis*



Pimenta de nico  
— *Piper aduncum*



Bom nome, chapéu de couro ou pau-de-colher  
— *Maytenus rigida*

Como ter SAÚDE numa sociedade que coloca os lucros acima da VIDA?

### QUESTÕES PARA REFLETIRMOS NUMA PROSA EM GRUPO

- ① Companheira, qual é a experiência de saúde popular, ou experiências, que você conhece na sua região?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

- ② Pensando em saúde popular e em tudo o que ela mobiliza, o que podemos idear a partir das nossas comunidades e coletivos?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

- ③ Quais receitas, a partir das plantas medicinais, você conhece e utiliza? Vamos trocar receitas?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSTOS, Casilda Rodríguez. **Pariremos con placer**. Buenos Aires: Fólá, 2007.

CHIMINI, Letícia. **Produção e reprodução do capital nas economias dependentes e as implicações na questão agrária**: o acirramento das desigualdades e os processos de resistência do campesinato brasileiro. 232 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – PUCRS, Porto Alegre, 2021.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Syco-rax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

ODENT, Michel. **O camponês e a parteira**: uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto. Tradução Sarah Bailey. São Paulo: Ground, 2003.

ROCHA, Gilberto Magalhães. **A ideologia da Modernização**. João Pessoa: Universitária, 2000.



© MPA Brasil, 2021

Esta obra atende às normas do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009.

Título original: Saúde Camponesa Popular

Elaboração: Coletivo Nacional de Gênero:

Adriana Muller

Cíntia Souto

Débora Varoli

Denilva Pinto

Edleuza Cassemiro

Esti Redondo

Flávia Vargas

Gabriela Amorim

Gilvanir de Souza

Isabel Ramalho

Jeieli Laís

Jozelita Tavares

Juscimara Almeida

Leila Santana

Leile Teixeira

Letícia Chimini

Marina Freire

Marinei dos Santos

Roseli Souza

Sônia Costa

Thais Moura

Viviane Chiarello

Realização: MPA BRASIL

ANAC

Apoio: Bizilur

Diputación Foral de Bizkaia

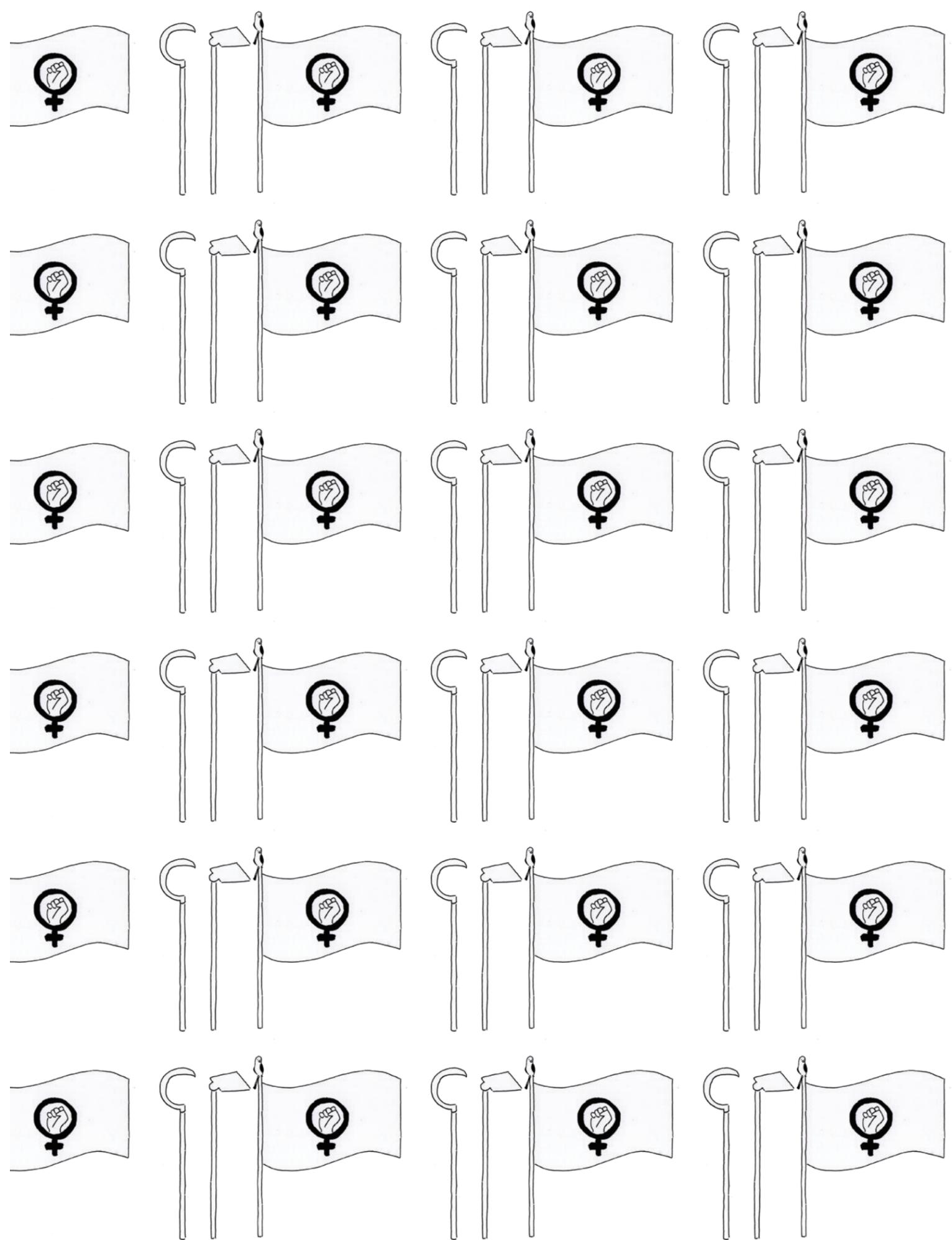
Gobierno Vasco

Design gráfico: Gabriela Ferreira (*Instagram: @gabiiferreira*)

Ilustrações: Thais Pereira Carvalho (*Instagram: @artistadesconhecida*)

Fontes: Whitney e Room 205

MPA Brasil  
mpabrasil.org.br · YouTube: @mpabrasil · Twitter: @mpabrasil  
Facebook: fb.com/mpacampesinato · Instagram: @mpa.brasil



**A** formação e a discussão na base camponesa do MPA aparece como um elemento fundamental para pensar a relação do nosso cotidiano com a construção estratégica da nossa organização. Fruto desse objetivo, o Coletivo Nacional de Gênero publicará seis cartilhas de formação em Feminismo Camponês e Popular.

Aqui estamos com a quarta cartilha intitulada **Saúde camponesa popular**. Nesta cartilha analisamos o conceito de saúde desde a perspectiva dos direitos humanos e sua defesa; estudamos o papel das mulheres no cuidado da saúde e apresentamos experiências práticas desenvolvidas pelo MPA. É uma cartilha cheia de informação e pontos para discussão, então, ficamos aqui esperando seus informes com considerações. Bom estudo!

